

[Notícia anterior](#)
[Próxima notícia](#)

3 mar 2017 | O Globo | RASHEED ABOU-ALSAMH

O martírio de entrar nos EUA

Nunca foi fácil para estrangeiros entrarem legalmente nos EUA. Os obstáculos começam com o processo de pedir um visto de entrada e a entrevista feita numa embaixada americana. Para passar esta etapa, você tem que provar para funcionários americanos que você não quer trabalhar nos Estados Unidos, que não é um criminoso ou terrorista, e que tem os meios financeiros de se sustentar durante sua estada lá.

MARCELO



MARCELO

Tudo bem até este ponto. Todo país examinando estrangeiros querendo entrar em seu território nacional tem o direito de fazer estas perguntas e demandas. Nos terminais de entrada americanos, viajantes tinham suas bagagens inspecionadas por agentes de imigração, coisa que todo país faz, manualmente ou com máquinas de raios X. Até recentemente, os americanos estavam procurando drogas, contrabando, armas e até comida que podia trazer pragas perigosas para a agricultura americana. Mas, com a introdução de uma restrição de entrada de cidadãos de sete países muçulmanos, no dia 27 de janeiro, as crenças políticas e religiosas de viajantes também entraram em jogo. E não somente isso, agora celulares e computadores estão sendo vasculhados e seus conteúdos gravados por agentes do governo americano!

Viajantes canadenses muçulmanos tentando entrar nos EUA de carro relataram que agentes de imigração americanos os questionaram se eles rezavam cinco vezes por dia, e o que eles achavam do Trump. A canadense Fadwa Alaoui, muçulmana e que usa o véu, foi parada no início de fevereiro e questionada por agentes americanos de imigração: "Você pratica sua religião? Qual mesquita você frequenta? Qual é o nome do seu imã? Com qual frequência você vai à mesquita? Que tipo de discussões você ouve na sua mesquita? O imã fala diretamente com você?" Depois de achar vídeos de muçulmanos rezando em mesquitas no celular dela, os americanos barraram sua entrada.

Mas este tratamento invasivo não se restringe a árabes ou muçulmanos. Agora até cidadãos americanos e acadêmicos estrangeiros que não são árabes ou muçulmanos passaram pelo constrangimento de ser detidos em aeroportos americanos por várias horas para serem interrogados. O cientista americano Sid Bikkannavar, que

trabalha para a agência espacial Americana Nasa, teve seu celular apreendido por agentes de imigração no aeroporto de Houston, no dia 5 de fevereiro, quando voltava do Chile. Eles o forçaram a fornecer a sua senha para desbloquear seu aparelho, e levaram o celular para uma outra sala onde copiaram todo o seu conteúdo. Isso mesmo depois de Bikkannavar ter dito a eles que o celular era da Nasa e que continha informações sigilosas.

O ex-primeiro ministro da Noruega Kjell Magne Bondevik foi detido no aeroporto de Dulles, em Washington, no dia 31 de janeiro, porque tinha um visto do Irã em seu passaporte diplomático. Ele explicou que tinha ido ao Irã para participar de uma conferência. Bondevik foi detido por 40 minutos e depois interrogado por 20 minutos. No fim deste constrangimento, o deixaram entrar. "Deveria ter sido o suficiente quando viram que eu tinha um passaporte diplomático e que sou um ex-primeiro ministro da Noruega," ele desabafou para a imprensa.

No dia 9 de fevereiro, a autora australiana de livros infantis Mem Fox, de 70 anos, foi detida no aeroporto de Los Angeles quando viajava para Milwaukee, onde ia dar uma palestra. Ela foi interrogada por 15 minutos e detida por mais de duas horas. Ela diz estar traumatizada com a experiência e pensa em nunca mais voltar aos EUA. Ela tinha viajado 116 vezes antes disso ao país, e disse que nunca havia sido tratada com tanto desdém por agentes americanos antes. "Eu senti como se eu tivesse sido agredida fisicamente e, por isso, tive um colapso quando cheguei ao meu quarto de hotel e chorei como um bebê," disse a autora para a imprensa.

No dia 22 de fevereiro, um estudioso francês, Henry Rousso, historiador do Holocausto, foi detido no aeroporto de Houston por dez horas e inicialmente barrado de entrar no país. Ele ia dar uma palestra na Universidade de Texas A&M. Não se sabe por que o barraram. Por pouco, não foi colocado num voo de volta para Paris. Assim que a universidade ficou sabendo do seu dilema, entrou em ação e conseguiu reverter sua situação.

Esse mau tratamento dado a viajantes aos EUA já provocou o cancelamento de viagens de muitos estrangeiros para a terra de Abraham Lincoln e Thomas Jefferson. Isso é lamentável e não somente vai afetar a parte da economia americana que sobrevive do turismo, mas também empresas gigantes, como a Microsoft e Google, que dependem muito dos seus engenheiros árabes e indianos.

Agora Trump quer aumentar o orçamento militar em 9 % e cortar o orçamento de ajuda internacional e do Departamento de Estado. O líder do Senado Mitch McConnell, republicano de Kentucky, já disse que esses cortes drásticos nunca vão ser aprovados pelo Congresso. Ainda bem. Os EUA precisam agora mais do que nunca de uma diplomacia mais ágil e presente no mundo. Trump disse durante a campanha eleitoral, no ano passado, que queria tirar os EUA de guerras sem fim como no Iraque. Aumentando o orçamento militar, que já é o maior do mundo, não vai levar a este desfecho.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)

[Próxima notícia](#)